

Programa de Assessoria à Pastoral

A Leitura Bíblica por meio do Método Sociológico

UWE WEGNER

Mosaicos da Bíblia

12

Apresentação

O tema deste número do **Mosaicos da Bíblia** surgiu no contexto de seminários sobre a história da hermenêutica bíblica. Deve ser lido como parte integrante da série Leituras da Bíblia, mais especificamente, em seqüência ao volume 4, que trata do método histórico-crítico.

Devemos ir “para dentro” deste ensaio conscientes das lutas históricas em que se acham engajadas(os) mulheres e homens na América Latina, onde a leitura bíblica nasceu no chão das comunidades e em diálogo com os setores populares.

Importa saber em que medida o método sociológico realmente contribui para que a leitura bíblica seja um processo criativo, desafiante e libertador, tanto na esfera individual, quanto na comunitária e social.

Certificando-se disso, este método não ficará reservado aos “estudados”, mas fermentará entre quaisquer pessoas ou grupos que pretendam estudar a Bíblia de forma comprometida.

Tal compromisso, sem dúvida, se faz em nossas vidas e torna-se mais e mais necessário como parte que somos desse sofrido continente.

A nossa fé é a serviço da redenção histórica dos nossos povos!

Jane Falconi F. Vaz
José Adriano Filho

Mosaicos da Bíblia reúne textos do campo bíblico que circulam entre colaboradores e participantes da produção de conhecimento do Programa de Assessoria à Pastoral.

Todos os textos poderão ser reproduzidos ou utilizados em outras publicações, desde que sejam creditados: o (a) autor (a), o Programa de Assessoria à Pastoral e o CEDI.

Aquisição de números anteriores e assinatura, escreva ao Setor de Distribuição do CEDI.

Edição e Revisão: Milton Schwantes
Jane Falconi F. Vaz
José Adriano Filho

Digitação: Jane Falconi F. Vaz
José Adriano Filho

Editoração Eletrônica: Claudia Salvetti Sanzochi

São Paulo, outubro/novembro/dezembro de 1993.

CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação

Av. Higienópolis, 983 - 01238-001 São Paulo SP - Brasil

Fone: (011) 825-5544 - Fax: (011) 825-7861

Rua Santo Amaro, 129 - 22211-230 Rio de Janeiro RJ - Brasil

Fone: (021) 224-6713 - Fax: (021) 221-3016

A Leitura Bíblica por meio do Método Sociológico¹

Uwe Wegner

Introdução

Seguidamente se ouve a queixa de que no chão das comunidades a aplicação efetiva do método sociológico é muito rara. Ele parece estar mais reservado a especialistas e pessoas com maior grau de formação. Caso seja verdade, é uma pena, porque uma das coisas que este método de leitura mais quer é justamente estudar a Bíblia a partir da realidade concreta dos seus textos e, por extensão, das comunidades que os interpretam. Esta é a razão pela qual o método é também denominado por alguns de *análise materialista da Bíblia*: Quem estuda a Bíblia pelo método sociológico quer captar e compreender a fundo toda a realidade material e concreta que os textos pressupõem e dentro da qual surgiram e se formaram. Há pessoas que não falam nem de método sociológico nem de análise materialista, e sim, de *leitura dos quatro lados*: É que o método contempla, sobretudo, quatro lados determinantes da realidade dos textos e daquela que vivemos hoje. Achamos que o nome que se dá a este método de leitura é secundário. O que importa saber, é se e em que medida ele realmente contribui para que a leitura bíblica possa ser um processo criativo, desafiante e libertador, tanto na esfera individual, quanto na comunitária e social. À medida em que isto for verdade, o método sociológico não ficará reservado “aos estudados”, mas poderá fermentar entre quaisquer pessoas ou grupos que pretendam estudar a Bíblia de forma comprometida.

Método Sociológico - Informações sobre literatura a respeito

Alberto Antoniazzi apresentou em 1984 um apanhado da literatura a respeito deste método que, até então, havia sido publicada no Brasil (Estudos Bíblicos, v.1, 1984, p.50-54). Depois desta data seguiram-se várias outras publicações a respeito.

Um apanhado detalhado da literatura sobre o assunto em língua estrangeira fornece o livro de Gerd Theissen, *Sociologia da cristandade primitiva* (São Leopoldo, Sinodal, 1987), p.179-200.

A nós interessa mais repassar breves informações sobre:

- a) como se tem entendido o método,
- b) como se tem aplicado o mesmo na literatura.

Quanto à primeira questão, é interessante notar que há pouca coisa escrita em português. Quem quiser se informar a respeito do que vem a ser o método sociológico e de como é possível compreendê-lo e interpretá-lo, recomendamos a seguinte literatura:

1. Palestra apresentada no seminário “Método Sociológico de Leitura da Bíblia” promovido pelo programa de Assessoria à Pastoral do CEDI-Centro Ecumênico de Documentação e Informação, no dia 9 de junho de 1990, em São Paulo.

Ana Flora ANDERSON e Gilberto GORGULHO, "A leitura sociológica da Bíblia". In: *Estudos Bíblicos*, v.2, 1984, p.6-10

Carlos TOSAR, "A leitura da Bíblia com o povo trabalhador". In: *Estudos Bíblicos*, v.2, 1984, p.71-74

Airton José da SILVA, "Leitura sociológica da Bíblia". In: *Estudos Bíblicos*, v.32, 1992, p.74-84

John H. ELLIOTT, *Um lar para quem não tem casa. Interpretação sociológica da primeira carta de Pedro* (São Paulo, Paulinas, 1985), p.9-23

Gerd THEISSEN, *Sociologia da cristandade primitiva* (São Leopoldo, Sinodal, 1987), p.9-35

Gerd THEISSEN, *Sociologia do movimento de Jesus* (São Leopoldo, Sinodal, 1989), p.101-141

Norman K. GOTTWALD, *As tribos de Iahweh. Uma sociologia da religião de Israel liberto - 1250-1050 a.C.* (São Paulo, Paulinas, 1986), p.19-33

João Evangelista MARTINS TERRA, "Comentário bíblico na perspectiva do pobre". In: *Revista de Cultura Bíblica*, ano 31, v.12, n.45/46, 1988, p.20-56 (posicionamento crítico e contrário ao método).

Quanto à questão de como se tem aplicado o método na literatura, constata-se uma gama de variações. A aplicação concreta do método pode ser encontrada, entre outras, nas seguintes modalidades:

a) em textos isolados. Exemplos:

Martin VOLKMANN, *Jesus e o templo. Uma leitura sociológica de Marcos 11,15-19* (São Leopoldo/São Paulo, Sinodal/Paulinas, 1992)

Uwe WEGNER, "Romanos 13,1-7: O cristão e as autoridades. Uma leitura sociológica". In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, v.4, 1989, p.61-80

Carlos A. DREHER, "A formação social do Israel pré-estatal". In: *Estudos Teológicos*, v.26, 1986, p.169-201)

b) em assuntos delimitados, que abrangem mais de um texto. Exemplos:

Gerd THEISSEN, *Sociologia da cristandade primitiva* (São Leopoldo, Sinodal, 1987). Nesta obra o autor aborda assuntos, a exemplo de: "Radicalismo itinerante" (p.36-55); "A renúncia à violência e o amor ao inimigo" (p.100-132); "Os fortes e fracos em Corinto" (p.133-147)

Frank CRÜSEMANN, "Direito - estado - profecia". In: *Estudos Teológicos*, v.29, 1989, p.283-294)

c) em livros bíblicos isolados. Exemplos:

Juan STAM, "Apocalipsis y el imperialismo romano". In: *Lectura del Tiempo Latinoamericano. Seminario Bíblico Latino-Americano*, 1979, p.27-60.

John H. ELLIOTT, *Um lar para quem não tem casa. Interpretação sociológica da primeira carta de Pedro* (São Paulo, Paulinas, 1985).

Milton SCHWANTES, *Amós. Meditações e estudos* (Petrópolis/São Leopoldo, Vozes/Sinodal, 1987)

Ched MYERS, *O evangelho de São Marcos* (São Paulo, Paulinas, 1992)

Joel Antônio FERREIRA, *Primeira epístola aos Tessalonicenses* (São Paulo/São Leopoldo/Petrópolis, Metodista/Sinodal/Vozes, 1991)

Francisco REYES ARCHILA, *Hechos 15,1-35. Un ensayo de lectura sociológica*. (Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 1993).

O propósito de aplicar o método sociológico integra também o projeto ecumênico do “Comentário Bíblico” (Antigo Testamento e Novo Testamento). Estes comentários bíblicos querem ser, primariamente, “leitura da Bíblia na perspectiva dos pobres”. Mas contêm, inegavelmente, vários acentos e afinidades com o método sociológico, sendo que o grau destas afinidades varia de autor(a) para autor(a). Para uma crítica ao comentário e à análise sociológica dentro dele, confira o já aludido artigo de João Evangelista Martins Terra.

d) em períodos históricos delimitados. Exemplos:

Norman K. GOTTWALD, *As tribos de Jahweh. Uma sociologia da religião de Israel liberto - 1250-1050 a.C.* (São Paulo, Paulinas, 1986)

Winfried THIEL, *A sociedade de Israel na época pré-estatal* (São Leopoldo/São Paulo, Sinodal/Paulinas, 1993)

ACO-CPO, “A história do povo de Deus. 1º volume: De Abraão até o fim da monarquia”. Rio de Janeiro, 1987; 2º volume: “Do exílio até o fim da dominação grega”. Rio de Janeiro, s.d.

ACO-CPO, “Jesus. Sua terra, seu povo, sua proposta”. 3ª ed. Rio de Janeiro, 1985 (este material é popular e representa uma das melhores iniciações à leitura sociológica da Bíblia que possuímos atualmente; mereceria ser amplamente divulgado nas comunidades)

Hans G. KIPPENBERG, *Religião e formação de classes na antiga Judéia* (São Paulo, Paulinas, 1988; analisa desde o século 5 a.C. até à época de Jesus)

Klaus WENGST, *Pax romana. Pretensão e realidade* (São Paulo, Paulinas, 1991)

Joaquim JEREMIAS, *Jerusalém no tempo de Jesus. Pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário* (São Paulo, Paulinas, 1983)

Gerd THEISSEN, *Sociologia do movimento de Jesus* (Petrópolis/São Leopoldo, Vozes/Sinodal, 1989)

Howard C. KEE, *As origens cristãs em perspectiva sociológica* (São Paulo, Paulinas, 1983)

Shigeyuki Makanosi, *A leitura sociológica do sacrifício (zebah) em 1 Samuel 1-1 Reis 12*. (Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 1986).

e) em aspectos específicos do método, como nas áreas da economia ou política. Exemplos:

Carlos A. DREHER, “A economia no livro de Joel”. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n.10, 1991, p.61-71

Nestor O. MÍGUEZ, “Linguagem bíblica e linguagem política”. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n.4, 1989, p.49-60 (leitura política da 1ª carta aos Tessalonicenses).

A leitura através dos quatro lados

Neste método de leitura bíblica parte-se do pressuposto de que quatro lados ou aspectos são determinantes e de suma importância dentro da vida de um povo:

economia - como se encontram organizados produção e trabalho,
 relações sociais - como o povo se relaciona entre si,
 política - como é exercido o poder,
 ideologia - sistema de valores e idéias nos quais o povo se baseia.

Caracterização dos quatro lados

Gilberto Gorgulho e Ana Flora Anderson² resumem os quatro lados determinantes da vida como segue:

"A leitura sociológica parte da base material da vida social: a produção e o trabalho. Aí se encontra o germe de vida ou de morte que irá aparecer no conjunto do tecido das relações sociais. E esta base das relações sociais mostra ainda que o eixo e o centro das relações sociais é a busca da vida em todas as suas dimensões... A divisão do trabalho suscita e forma grupos sociais com sua consciência e com sua prática específica a fim de assegurar os seus interesses e o seu projeto. Aí está o fundamento das relações sociais e o eixo de sua organização. A defesa dos interesses de cada grupo faz surgir o conflito no qual se insere a dimensão ética: o relacionamento dos grupos se faz na justiça ou na injustiça, na solidariedade ou na marginalização. A sociedade se integra ou se desintegra, e o seu projeto é de morte ou é um projeto de vida em comum no qual todos têm a mesma participação. Aí se inserem, então, os valores da verdade, da justiça e da solidariedade na igualdade e na participação de todos.

A dimensão política apresenta o poder como força que articula a organização social e sua estruturação na história. A política e o sistema jurídico manifestam a articulação das mediações necessárias para garantir a vida social do povo. A dimensão política leva a compreender as categorias de raça, nação, estado e a originalidade do povo como o ser social que se constrói na liberdade, superando as dominações, na participação e na comunhão fraterna.

A ideologia é o ápice da codificação que se apresenta como justificativa e cimento para o conjunto das relações sociais. É manifestada na mentalidade, nas estruturas mentais, na cultura, na filosofia e na prática religiosa. Reveste-se de uma força sagrada e natural para justificar determinada organização social. Assim se a ideologia é a expressão dos interesses mentirosos e injustos de um grupo social ela é germe de morte e dominação para o conjunto da sociedade, a partir dos interesses e do poder de um determinado grupo. Mas, se veicula interesses legítimos e justos e apresenta verdades concretas, germes de justiça e solidariedade, a ideologia pode ser vista como manifestação peculiar da verdade e da justiça que instauram uma crise no conjunto social e é apelo para o discernimento e para a mudança do conjunto das relações sociais que formam a vida do povo. A ideologia é um espírito que sustenta a reprodução ou a mudança da vida social. O discernimento da vida social está, pois, no discernimento do conteúdo e da finalidade das ideologias."

Exercícios de leitura através dos quatro lados

São feitos de duas maneiras:

(1) Classificação, avaliação, síntese e interconexão entre os lados

2. Ana Flora Anderson e Gilberto Gorgulho, "A leitura sociológica da Bíblia". In: *Estudos Bíblicos*, v.2, 1984, p.6-7.

Classificação

Neste primeiro caso procura-se, inicialmente, ver quais elementos e termos o texto apresenta em relação a cada um dos quatro lados, os quais são devidamente anotados. Em ensaios e folhetos sobre a leitura dos quatro lados encontram-se algumas sugestões em forma de perguntas, que podem facilitar este processo inicial de classificação. Assim, por exemplo, se quisermos saber que palavras relacionar com as diferentes áreas ou lados, orientamo-nos por perguntas como:

- **área da economia:** Que aspectos apresenta o texto sobre produção, produtos e sua comercialização, divisão do trabalho e seus instrumentos e propriedade dos meios de produção (como, por exemplo, a terra), distribuição de renda, consumo da produção?
- **área das relações sociais:** O que diz o texto sobre a maneira de se relacionarem as pessoas e os grupos ou classes que elas representam? Há um bom ou mau relacionamento ou mesmo quebra de relações? As pessoas, grupos ou classes estão unidas ou divididas, em relação de amizade ou hostilidade?
- **área do poder/política:** Quem exerce poder no texto (pessoas, grupos, instituições, “principados e potestades”) e que tipo de poder é exercido? Como as pessoas (grupos, instituições, povo) reagem ao poder exercido? Como se manifesta o poder oficialmente constituído e o poder não oficial de pessoas, grupos ou do povo como um todo?
- **área da ideologia:** Que valores de vida e de conduta o texto defende, combate, sanciona ou relativiza? Em que se baseia para acatar ou rejeitar estes valores? Que tipo de religião ou de Deus transparece no texto? De que maneira e através de que recursos interesses de pessoas, grupos, classes ou instituições dominantes são legitimados? Com base em que o texto fundamenta a resistência e a defesa de legítimos direitos de pessoas, grupos ou classes dominadas e exploradas?

Este breve roteiro de perguntas é de valia, sobretudo, quando pessoas trabalham com o método num estágio inicial. A título de exemplo apresentaremos uma classificação de termos baseada no texto do conflito entre Jesus e o templo em Marcos 11,15-19 e apresentada por Martin Volkmann,³ que assim enquadrou as várias palavras dentro dos respectivos quatro lados do método:

Economia:

(versículo 15) Jerusalém, templo, vendedores e compradores, cambistas, vendedores de pombas, Jesus expulsa e derruba.

(versículo 16) recipiente

(versículo 17) covil de salteadores

(versículo 18) sumos sacerdotes e escribas

Política:

(versículo 15) Jerusalém, templo

3. Martin Volkmann, *Jesus e o templo. Uma Leitura sociológica de Marcos 11,15-19*. São Leopoldo/São Paulo, Sinodal/Paulinas, 1992, p.46.

(versículo 18) sumos sacerdotes e escribas procuram eliminá-lo, pois o temem

Relações Sociais:

(versículo 15) Jerusalém, templo, vendedores e compradores, cambistas, vendedores de pombas, Jesus (e seu grupo)

(versículo 17) casa de oração, covil de salteadores

(versículo 18) sumos sacerdotes e escribas procuram eliminá-lo, pois o temem

Ideologia:

(versículo 15) Jerusalém, templo

(versículo 17) Palavra de Jesus, casa de oração (para todos os povos), covil de salteadores

(versículo 18) sumos sacerdotes e escribas procuram eliminá-lo, pois o temem.

A apuração e a anotação separadas dos elementos pertencentes aos quatro lados e que se encontram dentro de um texto, oferecem algumas vantagens para quem principia nos exercícios deste método de leitura. Estas vantagens são as seguintes:

a) Aumenta a nossa sensibilidade em relação aos quatro lados dentro de um texto. Começamos a notar aspectos ou detalhes sobre economia, ideologia, que, sem a prática do exercício, não iríamos conseguir.

b) Aumenta a nossa sensibilidade sobre áreas que não são necessariamente de nossa predileção ou prioridade, mas que, por vezes, são de relevância dentro de um texto. Ched Myers, por exemplo, interpreta todo o evangelho de Marcos à luz da palavra de Jesus em Marcos 3,27: *“Ninguém pode entrar na casa do valente para roubar-lhe os bens, sem primeiro amarrá-lo; e só então lhe saqueará a casa”*. Para ele o versículo apresenta todo um programa ideológico-político em oposição ao sistema templo-estado, com sede em Jerusalém, o que determinou que entitulasse todo o seu comentário ao evangelho de Marcos com as palavras *“Binding the strong man. A political reading of Mark’s story of Jesus”* (“Amarrando o homem forte. Uma leitura política do evangelho de Marcos”). De fato, se olharmos as palavras do versículo com atenção, elas são, por excelência, de cunho político. Mas, sem uma procura explícita por elementos políticos dentro de um texto como Marcos 3,22-27, será que chegaríamos à mesma conclusão que Ched Myers?

c) Provoca uma série de inseguranças relacionadas ao lado exato a que pertencem certos termos ou realidades dentro do texto. Por exemplo: Em qual dos quatro lados deve ser enquadrada uma palavra como “templo”? Pertence ao lado da economia, ideologia, política ou das relações sociais? Este embaraço e insegurança iniciais escondem, no fundo, um elemento positivo, pois vão mostrando que na realidade concreta dos textos e da vida, instituições ou idéias nem podem ser enquadradas isoladamente num só dos quatro lados. Na realidade concreta da vida uma instituição como o templo perpassa todos os quatro lados analisados. O exercício nos faz perceber, portanto, que economia, política e ideologia são realidades bem mais interdependentes e mutuamente influenciáveis do que à primeira vista poderíamos supor.

Avaliação

Uma vez enquadrados os vários termos do texto nos quatro lados correspondentes, passa-se a avaliá-los. Neste processo de avaliação devemos dar “carne e osso” a estes termos. Isto significa duas coisas:

- a) Aprofundar o seu significado, recolhendo o maior número de informações sobre os mesmos. Para isto devemos servir-nos de todos os recursos disponíveis, como dicionários bíblicos, comentários e literatura sobre o mundo contemporâneo como um todo;
- b) Ver qual o papel e o grau de importância que o termo desempenha no texto específico sob análise. Na maioria das vezes as palavras, quando analisadas ou contempladas isoladamente, não dão um sentido desejável. Importa, pois, ver a função que estas desempenham dentro do texto em que se encontram, ou seja: Importa determinar qual a função de uma palavra dentro do conjunto maior de ações ou ditos que o texto apresenta. Afinal, ninguém estuda termos em função deles mesmos! É preciso enfatizar este segundo aspecto para evitar que o estudo das palavras vire um trabalho atomizado e fragmentado que não leve a lugar nenhum.

Síntese

Analisadas as palavras classificadas dentro de cada um dos lados, procura-se apresentar uma síntese para cada um deles isoladamente. Esta, procura mostrar o grau de importância que cada um dos lados detém no texto. E o melhor critério para averiguar este grau de importância é procurar responder à seguinte pergunta: O lado em apreço tem autonomia dentro do texto, ou seja, fornece por si só uma lógica ou coerência? Quando este é o caso, então o lado em apreço é ou o mais importante no texto, ou - no mínimo - um dentre os mais importantes. Quando este não é o caso, então as palavras ou termos classificados dentro dos lados só têm função de apoio ou de complementação; nestes casos elas não formam um todo coerente dentro dos respectivos lados, mas se encontram unicamente “a serviço” da área determinante e tematizada no texto.

Este exercício de síntese é uma questão de sensibilidade e aprendizado. Nem sempre é fácil. Mas é fazendo que vamos aprendendo. Importante é, sobretudo, notar que a determinação de qual seja, dos quatro lados, aquele que dentro do texto detenha o maior grau de importância, nem sempre é uma coisa óbvia e clara. Às vezes também há mais lados simultaneamente destacados dentro de um mesmo texto. No caso do conflito entre Jesus e o templo visto anteriormente (Marcos 11,15-19) isto fica muito claro: os versículos 15-16 destacam a economia, o versículo 17 a ideologia e o versículo 18 o poder! É claro que o “estopim” para os versículos 17-18 é dado pela prática econômica fraudulenta descrita nos versículos 15-16. Mas é inegável que, fora o lado econômico, Marcos 11,15-19 também destaca ainda os lados ideológico e político.

Interconexão entre os lados

O levantamento dos quatro lados é um exercício que, por sua natureza, traz uma certa tendência de separar aspectos que fazem parte de um todo maior. Por isso, após a classificação, avaliação e síntese dos lados em separado, é necessário fazer a pergunta sobre o relacionamento destes quatro lados entre si. Este exercício pressupõe que o lado determinante do texto já tenha sido apurado. Agora é necessário saber de que forma este lado determinante se relaciona com os demais lados. Ou, em caso de haver mais de um lado igualmente determinante no texto: Como estes lados destacados se conectam com os restantes?

A título de exemplo, tomemos mais uma vez a história de Jesus e o conflito com o templo (Marcos 11,15-19). Já dissemos que o motor do conflito residia numa prática fraudulenta de vendedores e cambistas do templo. O exercício de interconexão entre os lados procura responder à pergunta: Por que razões representativas da autoridade do sinédrio (sumos sacerdotes e escribas) - ou seja, o lado político - pretendem eliminar Jesus (versículo 18)? O que tem o seu exercício de autoridade a ver com o comércio de vendedores e cambistas no templo? E que espécie de poder detém o povo, uma vez que o medo que Jesus provoca em sumos sacerdotes e escribas advém do fato do povo encontrar-se maravilhado com o seu ensino (versículo 18)? Uma outra interconexão, a da

economia com a ideologia, dá-se à luz do versículo 17. Pergunta-se: A expulsão de vendedores e cambistas do templo é motivada pela compreensão que Jesus tem da finalidade do templo como casa de oração (e não de comércio) para todos os povos? Ou a perversão econômica do templo faz com que Jesus lhe descubra um novo sentido e valor?

Tomemos ainda o exemplo do controverso texto de Romanos 13,1-7. O lado determinante dentro dele é enquadrado ou na área do exercício do poder ou na área da ideologia, segundo a qual as autoridades são “servas de Deus” para punir malfeitores e louvar benfeitores. Mais para o final do texto, contudo, aparecem em dois versículos alusões explícitas ao lado da economia: versículos 6-7. O exercício de interconexão entre os lados deve procurar responder em que relação está a ideologia específica dos versículos 1-5 com os imperativos de economia do versículo 7. Ou seja: Poderia ter gerado a necessidade do pagamento de impostos por parte dos cristãos na capital do império a ideologia específica dos versículos 1-5?

Independentemente de como consigamos responder a esta ou a perguntas semelhantes, de qualquer forma cabe atentar muito cuidadosamente para estas interconexões, pois assim como elas aparecem retratadas dentro dos textos, também costumam manifestar-se na realidade do dia-a-dia de nossas vidas. Na verdade determinadas ideologias são sempre mais apreciadas em determinadas classes. Por outro lado, certos interesses econômicos ou de poder podem estar na raiz de nossas escalas de valores e, portanto, determinar nossas ideologias. Daí ser de suma importância não isolar as idéias e os valores dos interesses materiais ou do poder que podem estar a determiná-los!

(2) Determinação do conflito como o eixo central do texto

Pessoas mais habituadas com o método sociológico não precisam, necessariamente, realizar a cada novo texto todos os passos metodológicos que uma aplicação “literal” da leitura através dos quatro lados sugere. Por isso uma segunda maneira de aplicar o método sociológico é partir diretamente para a determinação do eixo principal do texto, em torno do qual gira o seu conflito básico. A pergunta determinante neste modo de análise é: Qual é o conflito central que transparece no texto? Em torno de que assunto principal gira o seu conteúdo?

Uma vez determinado este conflito básico, tem-se automaticamente qual dos quatro lados é determinante no texto. A seguir passa-se, como no método anterior, à análise da interdependência e interconexão do lado central com os demais. As perguntas são aqui novamente as mesmas: Que tipo de relações existem entre o lado determinante do texto e os demais lados do método sociológico? Até que ponto o conflito central do texto explica-se a partir de sua interconexão com os outros lados e de que natureza seria esta interconexão?

O pressuposto na aplicação deste procedimento é que a natureza do evangelho é conflitiva, mas que os conflitos que ela desencadeia podem dar-se em diferentes áreas e sob diferentes aspectos. Às vezes o conflito se desencadeia no terreno da economia, em outras, na área das relações sociais, ideologia ou mesmo do poder. Mas tanto aqui como na metodologia anterior vale o que já colocamos: O fato de cada texto tematizar conflitos restritos a um só dos quatro lados não significa que a sua raiz mais profunda não se relacione com os demais!

Objetivos da leitura através dos quatro lados ou do conflito

Pode-se estudar a Bíblia e seus textos com um pressuposto de fé e de religião. Este seria o de que fé e religião dizem respeito ao interior e ao coração das pessoas, à sua parte espiritual. Deus deve ser invocado para alimentar as almas e dar descanso aos corações. É desnecessário dizer que

dentro de tal perspectiva o valor de Deus e da religião ficam praticamente restritos às áreas pessoal e individual.

A leitura sociológica tem por objetivo tirar a fé e a religião de suas amarras intimistas, individualizantes e meramente espiritualizantes. A vida do povo não se decide só no coração, muito menos só na alma. A vida do povo se decide no prato cheio ou vazio sobre a mesa, no emprego ou desemprego na fábrica, na terra para plantar, no salário arrojado ou não, no teto para morar, no dinheiro para poder cuidar da saúde e em coisas semelhantes. Toda a organização do trabalho e da vida social, por sua vez, vai depender muito da política, de quem a exerce e com quais interesses. Em meio a tudo isso haverá lugar para Deus e a religião? Devemos pensar Deus dentro de realidades como as relações sociais, a economia, a política e a ideologia? Ou o espiritual está para aquém destes âmbitos? A leitura sociológica responde negativamente a esta última pergunta. Ela parte do entendimento de que Deus não está aquém de nossa realidade nua e crua, mas que quer inserir-se bem dentro dela e ser percebido a partir de suas dores e alegrias, desesperos e esperanças. Em outras palavras: É na materialidade concreta da vida que precisamos - **também** - sentir e enxergar a presença de Deus. E a análise sociológica tem como seu principal objetivo exatamente este: o de tornar Deus presente e transparente em esferas determinantes da vida como a política, a economia, as relações sociais e as ideologias. E se o método de leitura através dos quatro lados torna possível enxergar a presença e a transparência de Deus, não é por um capricho teológico qualquer, e sim, fundamentado naquele que representa o centro da fé cristã, Jesus Cristo.

Justificativa teológica deste método

A leitura por meio do método dos quatro lados tem como raiz primária a própria encarnação de Deus em Jesus Cristo. Esta encarnação de Jesus revela três aspectos essenciais para a leitura sociológica:

1) O papel determinante dos conflitos

Qualquer leitura dos evangelhos, por mais desatenta que seja, não pode esquecer um fato que pode ser constatado a cada página sobre a atuação de Jesus: O seu evangelho, a boa nova que ele veio pregar e realizar em pessoa e que nas palavras de Isaías 61,1-3 consistiu em evangelizar aos pobres, proclamar libertação aos cativos, restaurar a vista aos cegos e pôr em liberdade os oprimidos (Lucas 4,17-19), é uma realidade profundamente conflitiva. O evangelho de Jesus representa uma luz para dentro das trevas deste mundo (João 1,1-14) e, por isso mesmo, nem sempre estas trevas estão dispostas a recebê-lo. O evangelho que encerra uma proposta de justiça, participação e transparência vai deparar-se no mundo com as realidades opostas da corrupção, concentração de renda, de poder e mentira institucionalizada. Isto significa que o evangelho, se quiser ser coerente, vai ferir interesses e, em consequência, gerar oposições. Dependendo da natureza dos interesses que são contrariados, as oposições geradas podem ser de maior ou menor grau. Quando interesses de porte são contrariados, as trevas reagem com ameaças. Depois delas vêm as intimidações e perseguições; se estas também ainda não adiantam, segue-se a eliminação e o assassinato. É precisamente aqui, nesta última categoria, que se enquadra Jesus e a oposição que tratou de eliminá-lo por meio da crucificação. Ora, a leitura e interpretação dos textos bíblicos não pode nem deve *“esvaziar a cruz de Cristo”* (1 Coríntios 1,17). Ela tem que dar transparência, tanto ao número quanto ao caráter mais exato das oposições que Jesus gerou e que, em última análise, o levaram à morte. Se a análise sociológica é interpretação de textos pela ótica do conflito, então ela o faz sob o pressuposto de que os conflitos são as melhores mediações para uma interpretação correta da cruz. Os conflitos dão *“carne e osso”* à cruz, explicam as razões desta

tragédia, permitindo entender porque a cruz era escândalo para uns e loucura para outros (1 Coríntios 1,23). Dito em outras palavras: O interesse da leitura sociológica é que os verdadeiros conflitos provocados pelo evangelho de Jesus não sejam acobertados, minimizados, relativizados, ignorados ou restritos. É preciso muito mais: abrir as feridas em torno da cruz e conseguir mostrar todo o grau de porcaria, corrupção, mesquinhez, jogo de poder, ambição e prestígio que se escondem por trás e ao redor da mesma. O compromisso deste método de leitura é, pois, o de revelar as verdadeiras dimensões do pecado, todo o grau de sua podridão, toda a abrangência de sua atuação. Sem este serviço de interpretação bíblica, as pessoas dificilmente entenderão o que significa sermos justificados por Jesus e que tanto em sua vida como em sua morte ele vem a nosso encontro com misericórdia e bondade. Em última análise o método de interpretação sociológica tem que descobrir todas as dimensões de pecado para que, como diz Paulo, a graça possa voltar a ser graça e não simplesmente uma obrigação de Deus!

Dentro da análise de textos, essa leitura pela ótica do conflito levanta quatro perguntas básicas que devemos fazer em nossos exercícios de interpretação:

Primeira: Qual a natureza mais exata da oposição que Jesus e o evangelho geram à idéias, pessoas (grupos, instituições) e práticas de vida?

Segunda: Por quais motivos esta oposição é gerada, ou seja, quais interesses ela fere?

Terceira: Qual a natureza mais exata da proposta positiva de Jesus e do evangelho no texto?

Quarta: Quais as exigências que esta proposta apresenta para nossa conversão, ou seja: Que compromissos estamos dispostos a assumir em função da mesma?

Os exercícios em textos bíblicos dentro da ótica deste tipo de perguntas, vão mostrar três coisas às(aos) estudantes da Bíblia:

1. Quando se estuda o evangelho pela ótica do conflito, o propósito não é o de “arrebentar e desintegrar as comunidades”. O que se busca é a integração comunitária, ou seja, a “comunhão” entre as pessoas. A análise dos conflitos no evangelho mostra, contudo, que esta integração não pode ser construída unicamente com base na consciência de pecado e perdão. O perdão, por si só, ainda não integra comunitariamente. Mas ele é de extrema importância por representar um pressuposto indispensável para a integração. O que integra comunitariamente de forma libertadora, é a conversão. O perdão é, pois, libertador na medida em que é mediação para desencadear processos de justiça e solidariedade, ou seja, na medida em que favorece a conversão e mudança de hábitos e práticas sociais. Um perdão que não leve a uma mudança efetiva de relações e práticas sociais é alienante.

2. A leitura pela ótica do conflito resgata o compromisso profético da igreja e das(dos) crentes. O pecado vem maquiado, mascarado e acobertado sob o manto das leis e instituições (Marcos 7,8-13). Para que ele não fique transparente em todas as suas dimensões de corrupção e opressão, costuma-se problematizá-lo: Diz-se que a realidade (também a do pecado) não é tão simples como parece, que é preciso levar em conta a sua complexidade e o seu pluralismo. A igreja que queira interpretar o evangelho pela ótica do conflito, vai ter que expor o pecado à luz do dia, denunciar até mesmo aquilo que ela consente. Mas para que a igreja possa desincumbir-se a contento desta tarefa, necessitará da prática constante de uma leitura correta da realidade. Ou seja: A igreja não poderá ser profética em relação a pecados sociais e estruturais sem constante análise de conjuntura.

Mecanismos semelhantes àqueles usados para acobertar pecados em nível social são aplicados também à esfera pessoal e individual. Para que a interpretação dos textos possa ser relevante, estudantes da Bíblia deveriam fazer amplo uso de aprofundamentos em áreas como, por exemplo, a da psicologia e da psicanálise. É exatamente o estudo destas ciências que permitirá (uma vez aclaradas as dimensões do pecado social) que não nos percamos na ilusão dos nossos próprios

mecanismos de defesa e acobertamento de injustiças e egoísmo. Não podemos projetar unicamente sobre sociedades e coletivos o que se cria e floresce, simultaneamente, em nosso interior.

3. O estudo dos conflitos bíblicos requer (bem à semelhança do que requer o estudo de suas manifestações atuais) a análise de conjuntura dos tempos bíblicos. Isto se faz através do aprofundamento no mundo contemporâneo do Antigo e do Novo Testamentos. Só à luz de tal aprofundamento será permitido perceber por que e em que medida as práticas e os discursos de Jesus e dos apóstolos representaram avanços dentro da sua época. Como exemplo colocamos o texto de Marcos 15,40-41. Aí diz que Jesus, desde o seu ministério na Galiléia, fazia-se acompanhar por várias mulheres. A primeira vista isto não precisa representar evangelho nenhum se lermos tal indicação unicamente baseados na experiência que temos de nosso convívio social do século 20. O estudo do mundo contemporâneo a Jesus irá revelar que, na época, os mestres judeus de maneira alguma admitiam ser acompanhados por mulheres. Sob a luz destes dados relativos à época de Jesus, sua prática em Marcos 15,40-41 fica bem mais conflitiva: Na verdade, representa uma clara ruptura com os hábitos do relacionamento entre homens e mulheres.

2) O papel essencial do corpo

Se a cruz de Jesus e o compromisso de não esvaziá-la (1 Coríntios 1,17) dão a razão para prestigiarmos a leitura bíblica pela ótica do conflito, a ressurreição corporal de Jesus representa o fundamento a partir do qual se prestigia o lado material dos conflitos e a dimensão material da salvação. A ressurreição corpórea de Jesus é o maior atestado para o fato do corpo representar algo de profundamente espiritual aos olhos de Deus. A atividade de Jesus destacou-se nesta mesma direção: todas as suas ações são no sentido da cura dos corpos, da partilha dos pães e de bens para que esses mesmos corpos não passassem fome. O próprio Pai Nosso que pede pelo pão de cada dia é um testemunho de que a espiritualidade passa, não só pelo coração, mas também - e essencialmente - pela boca, barriga, vestuário, moradia (Mateus 25,31-46). O método da leitura através dos quatro lados visa dar especial atenção a este lado material e concreto do evangelho. Que o espiritual passa profundamente por esta área para resgatá-la e transformá-la mostram, entre outros, Pablo Richard e Arzemiro Hoffmann⁴.

3) O papel essencial do coletivo

Em Mateus 4,16 afirma-se que com Jesus se cumpriu a seguinte profecia: *“O povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região e sombra da morte, resplandeceu-lhes a luz”!* O texto revela: O projeto de Deus transcende a esfera meramente individual. Trata-se, não unicamente de salvar pessoas isoladas, mas de reagrupar, reorganizar e salvar todo o povo de Israel que se havia fragmentado, perdido e desorientado (Marcos 6,34). Em Paulo o projeto divino transcende, inclusive, os limites nacionais: É toda uma humanidade que é convidada a reconciliar-se com Deus e entre si, para gerar um novo povo, em que a verdade e a justiça façam morada. Entendemos que este projeto maior de Deus, que não exclui o individual, mas que seguramente não se limita ao mesmo, transcendendo-o em dimensões sociais mais amplas, requer uma interpretação sociológica do evangelho. A teologia (se isto for verdade) será sempre, também, teologia política, já que é na esfera do exercício dos poderes que caem as grandes decisões para a sociedade e a coletividade.

4. Pablo Richard, “O fundamento material da espiritualidade”. In: *Estudos Bíblicos*, v.7, 1985, p.73-74; Arzemiro Hoffmann, “Espiritualidade alienante ou comprometida”. In: *Boletim Teológico*, v.9, 1989, p.23-28.

Referenciais evangélicos para os quatro lados

A leitura de textos por meio do método sociológico tem sido questionada pelo fato de trabalhar muito nas áreas do social (economia e política, sobretudo) e pouco na área da teologia e religião. As(os) intérpretes geralmente sabem dizer o que um texto fala sobre economia, mas têm dificuldade de expressar o que ele significa em termos da religião. Qual é o valor religioso dos textos? Que concepção de Deus deixam transparecer? Que tipo de religião contestam ou defendem? Eis aí as questões mais prementes!

Nossa opinião é a de que as dificuldades na avaliação do conteúdo religioso dos textos originam-se em dois motivos:

- 1) Em muitas pessoas ainda perdura a idéia de que a caracterização do religioso num texto tenha que ser uma coisa à parte e distinta do profano, do social. Isto é errôneo. Se o corpo (o material) é, aos olhos de Jesus, profundamente espiritual, então o religioso dos textos não precisa residir necessariamente fora ou além destas coisas, mas eventualmente nas próprias.
- 2) Se o religioso dos textos pode residir em coisas diretamente relacionadas com política, economia e relações sociais, então a determinação do seu caráter mais exato pode, nestes casos, ser facilitada com a ajuda de referenciais gerais. Estes representam o evangélico dentro da economia, política e relações sociais que podemos determinar à luz da Bíblia como um todo. Eles não esgotam o conteúdo religioso dos textos específicos, mas ajudam a enquadrá-lo e a especificá-lo com maior rapidez e precisão.

Em razão disto, fornecemos em seguida alguns referenciais básicos sobre o conteúdo evangélico que pode ser encontrado ou avaliado dentro de cada um dos quatro lados da análise sociológica:

Na economia:

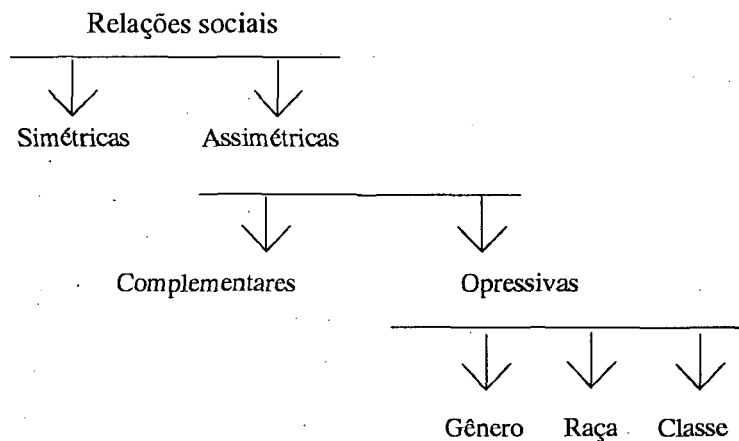
- **Partilha x acúmulo** - O maior referencial evangélico dentro da economia é a partilha. Jesus colocou muito claro: *“Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra!”* (Mateus 6,19; Lucas 12,16-21). Lembramos também Habacuque 2,6: *“Ai de quem acumula o que não é seu!”* Biblicamente a prática do acúmulo é traduzida por termos como “avareza” e “ganância”. Economicamente a prática é conhecida entre nós pelo fenômeno da concentração de capital e renda. O Brasil está entre os países que se caracterizam por apresentar um dos maiores índices de concentração de renda. Convém notar que, no caso da partilha, não se trata de distribuir as sobras: Louvável é a partilha aos olhos de Deus, quando atinge também o essencial (Marcos 12,41-44).
- **Comunhão com o pobre x riqueza excludente** - Não existe organização sócio-econômica capaz de excluir todas formas de desigualdade e opressão, sobretudo no campo da economia. Por isto a Bíblia defende uma postura solidária para com os menos favorecidos, sendo que para viabilizá-la, aponta para os mais variados meios (esmola: Mateus 6,1-4; Lucas 12,33; Atos 10,2; perdão das dívidas: Mateus 6,12; 18,27; redistribuição da terra: Levítico 25,18; dízimos para os pobres: Deuteronômio 14,28-29; 26,12-15; empréstimos sem juros: Êxodo 22,25; empréstimos sem espera por devolução: Lucas 6,35; assistência nas mais variadas formas: Mateus 25,35-36.42-43; convite para refeições: Lucas 14,12-14; venda dos bens: Atos 2,45; 4,32-35; realização de coletas: 2 Coríntios 8 e 9).
- **Bem-estar coletivo x progresso individual** - A Bíblia não defende a pobreza. Ela fala, isto sim, de que Deus reservou para seu povo uma terra boa e ampla, que mana leite e mel (Êxodo 3,8; Deuteronômio 26,9). Também Jesus entendeu-se como alguém que veio para dar fim ao jejum do povo (Marcos 2,18-22)! Por aí percebemos que bem-estar, no fundo, é coisa

pretendida por Deus e positiva. O bem-estar só se torna negativo, quando e na medida em que é injustamente privatizado e não estendido à coletividade.

- **Igualdade x estratificação social** - O ditado popular diz: *“Quem trabalha mata a fome, não come o pão de ninguém; Quem ganha mais do que come, sempre come o pão de alguém!”*
Este ditado intui com muita clareza que na origem da formação de classes está uma prática assassina, pois é isto que significa “comer o pão de alguém”. A preocupação da Bíblia vai no sentido de não sedimentar classes sociais, mas de praticar a distribuição de renda para que haja igualdade (2 Coríntios 8,13-15).
- **Consumismo x vida moderada** - A simplicidade de vida transparece na recomendação de 1 Timóteo 6,8: *“Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes!”* O quanto é importante a atitude de não desperdício para com os bens também sobressai nas duas multiplicações dos pães: As sobras não foram jogadas fora, foram recolhidas (Marcos 6,43; 8,8).

Nas relações sociais:

Pedrinho A. Guareschi nos coloca as seguintes considerações⁵: *“Uma estrutura social é constituída, pois, em e através de relações. Mas essas relações são milhares: de classe, gênero, raciais, étnicas, culturais, religiosas. Elas se definem pela natureza das práticas que organizam; e isto implica que elas se distingam pelos tipos de interesses que modelam e constroem”*. Tentando especificar os pontos que iremos discutir, no que se refere às relações de opressão, podemos fazer as seguintes distinções:



É desnecessário dizer que a manifestação de relações sociais opressivas é diferente se considerarmos o gênero (subordinação da mulher), a raça (subordinação racial) ou a classe (dominação como consequência da exploração salarial e de preços). Importante é, no entanto, que percebamos o critério norteador para a avaliação de relações sociais, a saber, a simetria ou assimetria. No dicionário de português organizado por Francisco da Silva Bueno “simetria” é definida como “relação ou igualdade de grandeza, forma e posição de partes que estão em lados opostos”. Por aí fica fácil de entender que *o critério evangélico para relações sociais é a igualdade. Relações*

5. Pedrinho A. Guareschi, *Sociologia da prática social. Classe, estado e ideologia em diálogo com Erick Wright*. Petrópolis, Vozes, 1992, p.219.

que não sejam de igualdade podem ser de dominação ou submissão. A dominação gera relações de discriminação (Marcos 2,16; Lucas 18,9-14), separação e sectarização ("cada macaco no seu galho" = cada classe no seu lugar social, bairro, sede social, lojas e restaurantes) e exploração. A submissão gera relações de dependência à pessoas, grupos, instituições (como partidos, leis, clubes de futebol), nações, etnias. O maior problema nas relações de subordinação é que as pessoas correm o risco de perder sua auto-crítica e, em decorrência, a sua liberdade evangélica.

Relações sociais, como coloca Guareschi, existem aos milhares. Por isto é bom que se coloque também outras chaves para determinar o evangélico e não evangélico nas relações do cotidiano, o que queremos fazer a partir de alguns exemplos:

amizade x inimizade

participação x competição

respeito x desrespeito

sensibilidade (afetuosidade) x estupidez (rispidez)

compreensão x incompreensão (falta de abertura para ouvir e dar atenção a posições ou práticas contrárias ao nosso parecer)

generosidade (amor) x hedonismo (autogratificação imediata)

franqueza (transparência) x mascaramento (enrolação)

Na política/poder

Nesta coluna temos como referencial máximo aquilo que se convencionou chamar de "poder-serviço". A base para ele é, comumente, extraída de Marcos 10,41-45, onde lemos: *"Aqueles que vemos governar as nações as dominam, e os seus grandes as tiranizam. Entre vós não será assim: ao contrário, aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor"* Clodovis Boff, em artigo intitulado "Poder-serviço: Abordagem evangélico-teológica"⁶, contrapõe a este poder-serviço o poder-dominação. Segundo ele as duas principais vertentes deste poder-dominação são o autoritarismo e o paternalismo e o gráfico que apresenta serve como uma melhor caracterização de tal relação:

Poder - dominação

Autoritarismo

Forma aguda
 Patente, manifesto, sem máscaras
 Sem participação alguma
 Intolerante, sem concessões
 Inteiriço e sem brechas
 Dominação imposta
 Reforça a dependência
 Trabalha contra

Paternalismo

Forma atenuada
 Discreto, mascarado sob as máscaras aparências do poder-serviço
 Com participação dependente e controlada
 Tolerante, faz concessões
 Abre brechas, dá algumas chances
 Dominação consentida
 Mantém a dependência
 Trabalha *para* (mas não *com*)

6. CECA - Informação, formação, experiência, ano 1, nº 2, 1989, p.39-51.

Clodovis Boff (p.48-49) coloca a seguir também uma série de dispositivos jurídicos e institucionais em função dos quais deveríamos lutar para que o poder-dominação fosse inibido e o poder-serviço fortalecido. Pela importância que detêm para nossa elaboração de referenciais evangélicos para o lado do poder/política, vamos enumerá-los aqui também. São os seguintes dispositivos jurídicos, que transcrevemos literalmente:

“Submissão da autoridade constituída à soberania da lei

Escolha das autoridades pelas bases

Rotatividade dos cargos

Divisão e partilha dos postos de responsabilidade

Controle regular do poder pelos irmãos

Reconhecimento dos movimentos de opinião distintos dentro da comunidade. Tal determinação corresponde ao direito de oposição ou de organização de contra-poderes (não anti-poderes). Podem “dar trabalho”, mas dentro de um pluralismo legítimo, favorecem a vitalidade e a riqueza

Consultas gerais para casos importantes (plebiscitos)

Exclusão por princípio de privilégios e sinais de honra mundana (mordomias e títulos de prestígio). A associação *onus-honor* (*cargo-honra*) é desautorizada pelo evangelho (Mateus 23,5-11 e Lucas 17,7-10)."

Creemos que, dentro das primeiras comunidades cristãs, *a vertente mais expressiva de poder participativo advém do fomento para o uso comunitário dos dons*. Tanto Jesus como os apóstolos convidaram os discípulos e as comunidades para não serem unicamente receptivas e passivas frente à religião, e sim, participantes do poder do evangelho mediante a vivência e aplicação dos dons do espírito. Zelaram para que o poder sagrado e os meios de produção religiosa não permanecessem acumulados por uma hierarquia minoritária e sim, estivessem a mercê do povo como um todo. Leonardo Boff coloca: *“Esta idéia nos aproxima daquela democrática, com a diferença de que o poder eclesial é entendido como derivação e participação no poder do Espírito e do Ressuscitado, atuantes na comunidade, e não simplesmente do povo, entendido profanamente”*⁷. Para Leonardo Boff uma igreja hierarquizada se caracteriza pela *“rigidez e a falta de alegria evangélica... empobrece por seu espírito capitalístico de tudo acumular... dando origem ao medo e à multidão de medocres de espírito subserviente... Bem diversa é a Igreja onde o Espírito não é afogado; aflora a criatividade... pessoas se sentem efetivamente membros e não meros fregueses de suas comunidades, propicia-se espaço para a realização religiosa de todos com suas várias capacidades (carismas) postas a serviço de todos e do Evangelho”*⁸.

Na ideologia religiosa

O maior interesse da ideologia religiosa é determinar a idéia e a concepção exata de Deus que os textos deixam transparecer. Para a formação de referenciais evangélicos dentro deste lado da análise sociológica devemos nos perguntar: Que funções genéricas pode ter a religião? Para que(quem) ela serve ou pode servir? Que interesses defende ou pode defender?

7. Leonardo Boff, *Igreja, carisma, e poder*. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1982, p.234-249 (226).

8. Leonardo Boff, *Igreja, carisma, e poder*, p.239.

Otto Maduro procura mostrar em seu livro *Religião e luta de classes*⁹ que a religião de forma alguma desempenha - como o quer a escola funcionalista - “*sempre as mesmas funções sociais (secularização psicológica, coesão social, sacralização da estrutura social, etc.)*” (p.156). Dentro de uma sociedade estratificada em classes como a latino-americana, a religião, a rigor, pode ter duas funções principais:

- a) função conservadora, em que passa a legitimar a ordem social no interesse da classe dominante,
- b) função crítico-contestatória, em que as pessoas passam a “*construir uma visão religiosa do mundo independente da, diferente da, e oposta à visão dominante do mundo em sua própria sociedade*” (p.177).

Gerd Theissen aborda a mesma pergunta sobre as funções da religião na sociedade de forma um pouco mais diferenciada, mas chega aos mesmos resultados¹⁰. Também segundo este pesquisador são duas as funções principais da religião:

- a) integrativa, que pode ser desdobrada em função domesticadora (coação social internalizada) e personalizante (socialização da espontaneidade humana)
- b) antagonista, que pode ser desdobrada em função compensatória (religião como ópio do povo) e função inovadora (religião profética, de crítica e denúncia).

Se considerarmos as contribuições de Otto Maduro e Gerd Theissen poderíamos assinalar que as perguntas mais relevantes para a análise da ideologia religiosa seriam: A religião está a serviço de quem? O Deus que os textos revelam está do lado de quem? O Deus e a religião dos textos sancionam a prática social existente ou a contestam? E se o fazem, estão baseados em que?

Ao lado destes referenciais, há ainda vários outros. Em assessorias feitas em cursos bíblicos, os participantes manifestaram-se a este respeito em várias ocasiões. A pergunta que colocávamos era: À luz da Bíblia que critérios temos para dizer quando uma religião é evangélica e quando não é? Eis algumas das respostas dadas:

É evangélica quando

comunitária
política: voltada ao povo
valoriza o corporal e o material
transformadora
universal
inclusiva
igualitária/fraterna
Deus é próximo
Deus é companheiro: Pai
festiva
ecumênica
ecológica: preocupada com toda a criação

Não é evangélica quando

individualizante
individual, a-política
intimista
meramente ritualista
local/nacional
exclusiva
dominadora
Deus é distante e inacessível
Deus é fiscal, moralista e criador de sentimentos de culpa
sisuda e séria
única dona da verdade
não ecológica: só preocupada com os seres humanos

9. Otto Maduro, *Religião e luta de classes. Quadro teórico para a análise de suas inter-relações na América Latina*. Petrópolis, Vozes, 1981. Para o estudo das funções desempenhadas pela religião dentro dos modos de produção pré-capitalistas, confira o livro de F. Houtart, *Religião e modos de produção pré-capitalistas*. São Paulo, Paulinas, 1982.

10. Gerd Theissen, *Sociologia do movimento de Jesus*. São Leopoldo/Petrópolis, Sinodal/Vozes, 1989, p.121-141.

| | |
|--------------------------------------|--|
| em processo de conversão permanente | espiritualmente estagnada |
| democrática participativa | hierárquica |
| inserida nas culturas de esperança | não respeitosa às culturas conformista e fatalista |
| de libertação integral | de libertação só da alma |
| de liberdade, não escravizada a leis | legalista |
| vai às raízes do mal | reformista |
| concreta | voltada para as alturas |

Avaliação geral do método

Colocados os vários detalhes que caracterizam o método sociológico, podemos agora avaliá-lo como um todo, considerando os seguintes aspectos:

Os pressupostos

Primeiro: Objetividade científica e neutralidade ideológica?

Quando estudávamos textos bíblicos e teologia na década de 60 por meio do método histórico-crítico, costumava-se repassar para as(os) estudantes a seguinte idéia: “*A interpretação histórica dos textos bíblicos é tanto melhor, quanto cientificamente mais objetiva e ideologicamente mais neutra*”!

O método sociológico não acredita no mito da neutralidade científica. Toda a interpretação está sempre a serviço de algo ou alguém, de minorias ou majorias, de dominadores ou dominados. O método sociológico encontra-se, além do mais, inegavelmente influenciado por categorias e pensamentos do materialismo histórico¹¹, em virtude de estar claramente a serviço da classe e grupos inferiores e inferiorizados dentro da história. É claro que o método sociológico não é nem o primeiro nem o último que pressupõe uma opção por classes sociologicamente inferiorizadas. Mas a leitura dos quatro lados quis ser, em sua origem, seguramente leitura da perspectiva e da libertação dos pobres.

A pretensão de uma neutralidade ideológica igualmente não pode ser compartilhada pelo método sociológico. Uma neutralidade ideológica é impossível, é irreal. Não se trata - como bem demonstrou Juan Luis Segundo¹² - de ter ou não ter ideologias, e sim, qual ideologia abraçar e compatibilizar com a fé cristã.

Segundo: Sociologia funcionalista?

Já vimos acima que o método sociológico busca identificar os conflitos nos textos. Ele é, pois, um método que privilegia oposições, antagonismos, contradições.

Ora, é evidente que um método que privilegia o conflito, busca oposições, pressupõe um determinado entendimento de sociedade. A partir disso, deveria ficar claro que o método sociológico não apresenta simpatia por um entendimento funcionalista da sociedade, ou seja, por uma tendência dentro das ciências sociais “que privilegia a idéia da ordem, harmonia, equilíbrio

11. Marta Harnecker, *Os conceitos elementares do materialismo histórico*. 2ª ed. São Paulo, Global Editora, 1983.

12. Juan L. Segundo: *Libertação da teologia*. São Paulo, Loyola, 1978, p.107-136; Juan L. Segundo, *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré. I: Fé e ideologia*. São Paulo, Paulinas, 1985, especialmente p.145-146.

e que procura analisar a sociedade sob a forma de um todo orgânico cujas partes seriam complementares”¹³. Pressupõe-se, muito mais, uma compreensão dialética da sociedade, “*que coloca no centro a idéia de conflito, tensão, luta e que vê a Sociedade como um todo complexo e contraditório*”¹⁴.

Terceiro: Evangelho de salvação pessoal?

O método sociológico privilegia o social/coletivo, não o particular/individual. Isto não significa que o evangelho não represente uma boa novidade também para pessoas isoladas. O método sociológico trabalha a relevância pessoal do evangelho, mas esta relevância não é a sua prioridade de pesquisa. A ênfase da pesquisa é ver o que de boa nova representa o evangelho para a comunidade maior. As razões para o fato são duas: A primeira é de natureza teológica e tem relação com a compreensão do reino de Deus. Reino de Deus é uma grandeza sociológica e cosmológica, não meramente individual. A implantação do reino equivale à renovação de todas as instituições e estruturas da sociedade.

Uma segunda razão para privilegiar o coletivo em detrimento do individual parte de um pressuposto do materialismo histórico. Segundo este “*é a luta de classes e não a ação dos indivíduos isolados o que determina a marcha da história*”. Ou, dizendo em outras palavras: “*O marxismo sustenta que, nas lutas de classe, não é o homem ou os homens em geral que fazem a história, mas as massas, isto é, são as forças sociais comprometidas na luta de classes, o motor da história*”¹⁵. Dentro desta concepção é a força do coletivo que pode romper estruturas; a força do individual pode, quando muito, desestabilizá-las.

Este pressuposto exige uma atenção destacada para a anatomia e o jogo de poder dentro dos textos. Ele também explica porque a questão do **reino** de Deus pregado por Jesus adquiriu uma importância tão grande dentro da teologia latino-americana dos últimos anos: **Reino** é exercício de poder e poder-serviço desestabiliza o poder-dominação!

Para o método sociológico tiram-se as seguintes conseqüências destes pressupostos: Ao invés de estudar personalidades bíblicas, somos convidados a estudar os movimentos que elas representam, defendem ou contestam. E, em segundo lugar, não há como escapar de uma “politização da teologia”. O método sociológico terá que elaborar uma teologia do político se é que pretende prestar um serviço de transformação supra-individual.

Neste aspecto cabe ressaltar uma diferença entre o método sociológico e o método histórico-crítico: O último não pressupõe necessariamente uma prioridade do coletivo sobre o individual. O perigo aí é evidente: O evangelho pode acabar virando uma boa nova “privada”, refletindo o grande valor do sistema maior, a propriedade privada. O perigo é a queda num reducionismo antropológico, em que tudo vira pessoal e particular; a importância do evangelho fica relegada a uma casa, um quarto e uma igreja aos domingos. No princípio não era assim: O movimento de Jesus não se restringia a indivíduos isolados, mas era movimento de massas, movimento popular!

13. Clodovis Boff, *Teologia e prática. Teologia do político e suas mediações*. Petrópolis, Vozes, 1982, p.122.

14. Clodovis Boff, *Teologia e prática*, p.122.

15. Confira os dois citados em Marta Harnecker, p.209-210.

Afinidades e diferenciações em relação ao método histórico-crítico

Para avaliar com maior clareza o método sociológico naquilo que ele tem ou não de específico, decidimos compará-lo com o método histórico-crítico¹⁶. Num exercício de comparação notamos com maior facilidade o que um método tem ou não tem de próprio. Contudo, a realização desta comparação não deixa de apresentar certo grau de relatividade, sobretudo, pelo fato do entendimento do método histórico-crítico e do método sociológico não ser o mesmo nas pessoas e pesquisadoras(es) que trabalham com a Bíblia. Como exemplo, pode-se fazer uma referência aos três grandes princípios do método histórico-crítico que são: a correlação, a crítica (suspeita retórica) e a analogia. Ora, o princípio da analogia, diz que “só pode valer como historicamente verdadeiro um acontecimento que tem analogia”. Mas, pergunto: Um tal princípio é aceito por todas(os)? Isto dificilmente ocorre. Daí, realizarmos a comparação com o método histórico-crítico dentro de um certo grau de relatividade que é inevitável. Mesmo assim, acreditamos que o exercício tenha bom sentido.

As afinidades

O método sociológico inegavelmente trabalha em regime de grande parceria com o método histórico-crítico. Passos importantes na interpretação de textos que o método histórico-crítico aprofunda, como a tradução das línguas originais, crítica textual, análise das formas e da redação, história traditiva de certos conceitos, podem e devem servir de subsídios também para as análises sociológicas. Mas o maior serviço que presta o método histórico-crítico para a análise sociológica reside nos estudos aprofundados que realiza dentro das áreas do mundo contemporâneo do Antigo Testamento e do Novo Testamento. O método sociológico tem nestes estudos relacionados com a história social, política e econômica do Israel bíblico e do mundo greco-romano um interesse todo especial. Estes estudos representam o berço sobre o qual o método sociológico vai orientar, aprofundar e direcionar suas pesquisas. O desenvolvimento que o evangelho conheceu no Antigo Testamento, em Jesus e nos apóstolos, não pode ser solidamente apurado a não ser mediante uma comparação muito bem fundamentada com avanços e recuos já existentes e dados dentro da sociedade de sua época.

Apesar da parceria dos métodos em relação ao interesse nos estudos do mundo contemporâneo bíblico, estes trabalhos realizados por pesquisadores do método histórico-crítico, pecam por um certo grau de “puro historicismo”. É que estes trabalhos pouco ou quase nada esclarecem sobre a relevância das questões sociais ardorosas da atualidade. Inclusive em relação às sociedades da época bíblica tais estudos limitam-se muitas vezes, mais à arrolagem “objetiva” dos fatos, sem tirar as necessárias conseqüências para uma avaliação correta do momento bíblico em análise.

Diferenciações

Primeira: A questão do lugar vivencial

Alguns pesquisadores afirmam que a preocupação com o social é comum tanto ao método histórico-crítico quanto ao método sociológico. O método histórico-crítico aponta para sua análise da História das Formas (*Formgeschichte*). Afirma-se que a determinação das formas de um texto

16. Sobre o método histórico-crítico, confira Martin Volkmann, Friedrich Erich Dobberahn e Ely Éser Barreto César: *Método histórico-crítico*. São Paulo, CEDI, 1992. Ely Éser Barreto César faz uma breve comparação entre o método sociológico e método histórico-crítico no citado livro, p. 87-89; outra comparação entre os dois métodos é oferecida por Airton José da Silva, “Leitura sociológica da Bíblia”. In: *Estudos Bíblicos*, v. 32, 1992, p. 74-84 (81-82).

vinha, originalmente, carregada de uma preocupação pelo social, já que procurava pelo seu “lugar vivencial”. No Novo Testamento, por exemplo, esta questão foi trabalhada de forma pioneira por Martin Dibelius e Rudolph Bultmann¹⁷. Bultmann diz expressamente que tanto o “lugar vivencial”, como também os gêneros e as formas dos relatos bíblicos representam termos “sociológicos”¹⁸. O pressuposto aqui é que determinados interesses ligados a situações específicas de vida produzem determinados gêneros literários com formas adequadas a estes interesses e situações específicas. Assim, por exemplo, o culto, a catequese, a pregação, a missão representam lugares vivenciais sociais que deram origem às formas específicas dos relatos bíblicos. Pergunta-se, no entanto, se esta pretendida sintonia realmente corresponde aos fatos.

Segundo nos parece, esta sintonia entre os dois métodos em relação à preocupação pelo social é bastante relativa. Ora, dentro da História das Formas, o lugar vivencial (social) estudado dedicou-se, exclusivamente, à determinação do lugar de *atividade social religiosa*. A pesquisa interessava-se em responder à seguinte pergunta: Que atividades religiosas não individuais praticavam as comunidades primitivas, que deram origem aos gêneros e formas dos relatos bíblicos? O lugar social da história das formas é, pois, *o lugar social da comunidade religiosa reunida*. Mas, pelo que pudemos apreender até hoje, a história das formas não foi (pelo menos no Novo Testamento) um estudo que tivesse o interesse em determinar que lugar social dentro da economia e sociedade ocupavam os cristãos e as pessoas ou grupos em geral retratados nos textos! E precisamente este é o objetivo do método sociológico! Fernando Belo detectou muito bem esta diferenciação em seu livro *Lectura materialista del evangelio de Marcos*¹⁹. Ele relata que em suas pesquisas sobre o Evangelho de Marcos tem deparado com alusões esporádicas ao “meio popular” do qual emergiram os cristãos. Mas constata decepcionado: “*Contudo, não tenho encontrado um capítulo, nem sequer um único parágrafo, que trate desta pertença a uma classe, da situação econômica e política das igrejas primitivas... Quando se sabe que toda a exegese contemporânea se banha nas águas da Formgeschichte, cujo método ressalta o “lugar vivencial” das comunidades cristãs, este descuido e esta ignorância do elemento econômico deste “lugar” - como se não fosse “vital” - justifica por si só que se fale de uma exegese burguesa*”.

Uma crítica semelhante também oferece Norman K. Gottwald no seu livro sobre “*As tribos de Iahweh*” (p.30) quando, em sua resenha histórica da pesquisa bíblica do Antigo Testamento, coloca: “*A crítica da forma, com a sua preocupação pelo cenário de vida dos materiais tradicionais em ambos os Testamentos, entretinha-se com as perspectivas sociais. Permanecendo, contudo, estancada numa orientação literária formal, lamentavelmente pouco progresso apresentou para atingir o ambiente sistemático comunal das tradições, bem como as construções simbólicas que as tradições cultuavam. Enquanto um só aspecto do sistema social, o culto propendeu a ser tratado pelos críticos das formas como uma entidade autônoma com pouca referência à organização social, à política, à economia e ao simbolismo comunal*”.

Estes dois citados bastam para mostrar que a determinação do lugar social dos textos não tem as mesmas características dentro dos dois métodos. No método sociológico o estudo do lugar vivencial (=social) nos textos não está prioritariamente interessado em determinar lugares sociais característicos da comunidade religiosa (como culto, missão, catequese), e sim, procurar pelas

17. Martin Dibelius, *Die Formgeschichte des Evangeliums*. 6ª ed. Tübingen, J.C.B.Mohr, 1971. Tradução ao espanhol “*Historia de las Formas Evangelicas*” (Valencia, Edicep, 1984); Rudolph Bultmann, *Die Geschichte der synoptischen Tradition*. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1979. Tradução ao inglês “*The history of the Synoptic Tradition*” (New York & Evanston, Harper and Row, 1963).

18. Rudolph Bultmann, *Die Geschichte der synoptischen Tradition*, p. 4.

19. Fernando Belo, *Lectura materialista del evangelio de Marcos*. Relato - práctica - ideología. Estella, Verbo Divino, 1975, p.402, nota 52.

raízes sociais e econômicas que o próprio texto deixa transparecer. Neste ponto, há muita diversidade de opinião entre as(os) pesquisadoras(es), sobretudo, pelo fato das raízes sociológicas dos textos serem determinadas sob várias e diferentes perspectivas. De qualquer forma, perguntas que a análise sociológica poderia fazer na determinação do lugar vivencial seriam:

Em nível dos agentes nos textos

Que lugar na vida social refletida nos textos ocupam seus agentes, personagens ou instituições envolvidas? Que interesses e idéias defendem e por que?

Como se diferencia e se identifica a temática tratada no texto com a mesma realidade constatável fora dele na mesma época?

Em nível dos transmissores do texto

Que grupo ou classe é responsável pela transmissão do texto? Dominantes ou dominados, pobres ou ricos?

Segunda: A interconexão entre os quatro lados

A leitura dos quatro lados procura inter-relacionar diversos fatores que podem influir na ação de indivíduos, grupos ou instituições presentes dentro dos textos. Ela nos sensibiliza, desta forma, para a interdependência de vários fatores dentro de um mesmo acontecimento. Em razão disto, nos roteiros de leitura sociológica comumente usados, constam sempre duas perguntas básicas a serem feitas nas análises de cada um dos quatro lados:

a) O que o texto revela sobre o lado enfocado?

b) Como este lado se relaciona e interfere com os demais?

Quando se fala em interconexão dos quatro lados evidentemente não se pressupõe que todo o texto bíblico evidencie sempre todos os lados na sua superfície exterior. Às vezes aparece mais o lado da economia, outras vezes o da ideologia, por exemplo. O que importa é realizar o exercício de relacionar os lados que aparecem com os não explicitamente citados.

A importância deste exercício advém do fato de que representa uma tentativa para interpretar a realidade de forma não meramente atomizada, ou seja, por partes isoladas. Isto seria uma análise fragmentária, que sempre correrá o perigo de não chegar realmente ao nó das questões, às últimas raízes dos problemas. É muito conhecido o velho ditado romano *"divide et impera"* (divide e reina!). O pressuposto é que a divisão social e política enfraquece os povos e torna mais fácil o seu domínio. Coisa semelhante vale para a interpretação dos textos bíblicos: Quanto mais fragmentária e atomizada, mais enfraquecida e parcial.

O método sociológico quer ser crítico frente a estes tipos de interpretações reducionistas e atomizadas. Propondo uma leitura através dos quatro lados determinantes da nossa vida, ele sugere uma interpretação que explica os fatores, conflitos e propostas dos textos, dentro de uma visão mais holística (global) da realidade social experimentada.

Terceira: A centralidade da economia

Quando a leitura através dos quatro lados é representada graficamente, esta é feita pela figura de um retângulo, em cuja base encontra-se a economia. Com isto sugere-se que a economia tem um grau de importância destacado dentro desta leitura.

O destaque dado à economia dentro do método sociológico quer estar diretamente proporcional ao destaque que recebe a categoria dos pobres dentro da Bíblia. A atenção dada ao lado econômico favorece também a descoberta e o exame mais aprofundado dos mecanismos de opressão reais e concretos, aos quais recorrem os ricos. E, torna mais compreensível o fato do cristianismo

primitivo ter forte adesão do povo simples e humilde e tão forte contestação por parte de autoridades e gente da nobreza.

No método histórico-crítico a economia é unicamente um entre os vários fatores existentes dentro da vida retratada nos textos. Não há neste método uma atenção destacada para com este lado. Por isto a interpretação segundo o método histórico-crítico sofre permanentemente a tentação de tornar-se idealista, de interpretar os textos mais pelas idéias neles expressas, do que propriamente pelas condições materiais de vida que, em grande medida, as provocam, geram e condicionam.

Quarta: O papel de nossa realidade para compreender os textos

No estudo da história do método histórico-crítico percebe-se que a discussão concentrou-se acentuadamente em dois polos importantes: Ora na própria palavra de Deus e nas dificuldades inerentes à sua interpretação, ora na pessoa do intérprete e nos pressupostos que esta trazia para dentro de suas interpretações.

Talvez a grande novidade que encerra o método sociológico é que ele não se encontra determinado por polos, nem em torno da Bíblia, nem do intérprete. Ele está primariamente inspirado num terceiro polo, num terceiro texto, o da nossa realidade.

Hugo Assmann diz com acerto: *“O texto é a nossa situação. Ele é o lugar teológico referencial primeiro. As demais referências (Bíblia, tradição, magistério, história de doutrinas), já que contêm a exigência de uma praxis sempre atualizada, não são o polo referencial primeiro de uma verdade em si, sem conexão com o agora histórico da verdade-praxis”*²⁰.

Em outras palavras: Na origem do método sociológico está a nossa situação concreta e o profundo desejo de mudá-la. É preciso que a história de Deus com o povo seja vivida por nós dentro de nossas realidades. O método sociológico procura fazer justiça a este fato. Isto significa que os olhos com os quais vamos aos textos bíblicos e os analisamos são olhos neutros. Eles serão olhos que, dentro dos textos, procurarão ver coisas relevantes para a sua e a nossa realidade. Trarão para dentro dos textos as nossas perguntas e preocupações. Como nas palavras de José Severino Croatto: Fazemos, parcialmente, nossa *“Eisegese”* ou seja, nossa leitura para dentro do texto²¹.

Este procedimento vai representar, inevitavelmente, uma peneira, tornando o método sociológico seletivo. Isto significa uma limitação, não necessariamente um mal. Na verdade, o que não se procura, dificilmente se acha (Mateus 7,8). Se o método sociológico traz à Bíblia novas perguntas e novas preocupações, então o aplicamos sem medo de estar colocando lentes na Bíblia que nem estão adaptadas para entendê-la. E não temos este medo por duas razões: Em primeiro lugar a própria experiência nos ensinou o quanto é importante e necessário ser seletivo. Antes de sê-lo, jamais havíamos intuído certas verdades bíblicas fundamentais. Foi só depois de fazermos certas perguntas para a Bíblia que os seus textos também nos deram respostas, pelas quais esperávamos em vão. Chega a ser pena até o tempo que perdemos com leituras e interpretações que não levaram a nada!

A segunda razão é colocada com muita clareza por Juan Luis Segundo. Em seu livro *Libertação da Teologia* afirma que existem duas condições necessárias para haver um círculo hermenêutico

20. Citado extraído de João G. Biehl, *De igual para igual. Um diálogo crítico entre a Teologia da Libertação e as Teologias Negra, Feminista e Pacifista*. Petrópolis/São Leopoldo, Vozes/Sinodal, 1987, p.28.

21. José Severino Croatto, *Hermenêutica bíblica. Para uma teoria da leitura como produção de significado*. São Leopoldo/São Paulo, Sinodal/Paulinas, 1986, p.59-72. A palavra *“Eisegese”* vem de *“eis”*, que significa *“para dentro de”*, e *“ago”* = *“conduzir”*. *“Eis-egese”* significa, pois, *o ato de conduzir* nossos problemas, perguntas e preocupações *para dentro de um texto*.

em teologia. A primeira, “*é que as perguntas que surgem do presente sejam tão ricas, gerais e básicas, que nos obriguem a mudar nossas concepções costumeiras da vida, da morte, do conhecimento, da sociedade, da política e do mundo em geral*”. E a segunda, a que mais nos interessa aqui, é assim definida: “*Se a teologia chegar a supor que é capaz de responder às novas perguntas sem mudar sua costumeira interpretação das Escrituras, já terminou o círculo hermenêutico. Além disso, se a interpretação da Escritura não muda junto com os problemas, estes ficarão sem resposta ou, o que seria pior, receberão respostas velhas, inúteis e conservadoras*”²².

Para a aplicação dos métodos de leitura bíblica isto significa que a escolha de um método não é neutra. Como diz Juan Luis Segundo: “*A teologia mais progressista na América Latina está mais interessada em ser libertadora do que em falar da libertação. Em outras palavras, a libertação não pertence tanto ao conteúdo quanto ao método que se usa para fazer teologia frente à nossa realidade*”²³. O método sociológico procura interpretar a Bíblia à luz das perguntas e problemas socialmente relevantes dentro da nossa realidade. Neste sentido ele procura ser libertador e não alienante. Por certo o método sociológico não representa a única alternativa de interpretação bíblica socialmente responsável e comprometida. Mas ele quer e deve representar uma contribuição neste sentido. E se, amanhã ou depois, uma adequação do método aos interesses de libertação da sociedade requerer mudanças ou outros acentos em sua aplicação, não deveremos hesitar em realizá-las!

Quinta: A crítica

Um dos princípios básicos do método histórico-crítico é a crítica, a suspeita metódica. O objeto destas era originalmente, a historicidade dos eventos. Em certas épocas foram aplicadas de forma tão intensa que chegou-se até a duvidar da própria existência de Jesus.

No método sociológico também há uma preocupação em ser crítico e aplicar o princípio da suspeita. Aqui, contudo, o objeto da crítica não é a historicidade dos eventos, e sim, a natureza mais exata dos seus intérpretes. O método sociológico está, neste particular, dentro de uma longa cadeia de tradição que remonta ao próprio Jesus. Para citar uma só palavra sua, vale a pena lembrar o texto de Marcos 7,7-9, em que Jesus inicia citando uma palavra de Isaías 29,13: “*Em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens. Negligenciando o mandamento de Deus, guardais a tradição dos homens. E disse-lhes ainda: Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição*”.

Como intérpretes e estudantes da Bíblia cada um de nós tem também os seus “anciãos” e a sua “tradição de anciãos”. Estes foram e representam nossos “pais”, em cujos livros e posições nos baseamos e pesquisamos. Eles variam, dependendo da igreja a que se pertence e do país em que se encontra. No meu caso particular, a tradição dos anciãos representa a teologia europeia, a de cunho alemão luterano: Foi esta que me influenciou e fez minha cabeça. Ser crítico frente a esta “tradição de anciãos” significa submeter a teologia que ela produziu constantemente a perguntas, como: A serviço de quem foi formulada? Que interesses acaba defendendo na prática? Que tipo de sociedade pretende perenizar ou justificar? É preciso se perguntar seriamente se não vale também para o campo da teologia a conhecida frase “*A ideologia dominante é a ideologia da classe dominante*”! Se este é realmente o caso, então convém sermos extremamente críticos em

22. Juan Luis Segundo, *Libertação da Teologia*, p.11.

23. Juan Luis Segundo, *Libertação da Teologia*, p.11.

relação à “ideologia dominante” em forma de tradição teológica normativa que estudamos e, por vezes, ingenuamente, repassamos adiante.

Questões abertas

O apanhado que acabamos de fazer sobre a natureza do método sociológico já revelou, que a sua aplicação levanta uma série de perguntas e questões a serem tratadas e tematizadas mais a fundo. O espaço não permite que entremos em detalhes destas questões. Por isso, para concluir, apontamos para algumas destas perguntas e questões abertas que o método levanta.

1. O método sociológico e o uso de categorias do materialismo histórico

Pessoas que trabalham com o método sociológico, fazem uso de categorias e conceitos do materialismo histórico. O problema que aqui se levanta é que o entendimento do materialismo histórico e, por extensão, do pensamento de Marx como um todo, é muito diferente e variável de pessoa para pessoa. Acrescente-se a isto ainda o fato de que este conhecimento do marxismo, em muitos casos, não representa conhecimento direto, e sim, por obras de outras(os) autoras(es). Quando as pessoas usam conceitos tais como “classes sociais”, “luta de classes”, “superestrutura”, “ideologia”, estão sempre sabendo o que realmente querem dizer com isto e o que um filósofo como Karl Marx quis dizer com isto?²⁴ É verdade que temos o direito de usar conceitos que originalmente foram cunhados dentro do marxismo, de uma forma livre e autônoma. Mas, se este for o caso, convém estar muito bem ciente de que os termos empregados podem ser interpretados de maneira completamente diversa, dependendo de quem os lê.

2. Trabalho com as Ciências Sociais

O método sociológico faz amplo uso das ciências do social. Também nesta área nem sempre se conhece em detalhes ciências como a economia, sociologia ou política. Significa que categorias destas ciências são usadas por pessoas que, até certo ponto, são leigas no assunto. Isto é inevitável dentro da aplicação do método sociológico. Em razão disso, talvez grupos ou pessoas que o aplicam em seus estudos de Bíblia deveriam ser assessoradas nestas áreas por entendedores do assunto. Com isto poderiam ser evitados erros de interpretação, cuja raiz não estivesse na falta de esforço ou de estudo, e sim, simplesmente na ignorância do assunto.

3. O primado do social sobre o individual

O método sociológico já trai a sua preocupação básica pelo nome: “sociológico” aponta para o social. O método procura, pois, pela relevância de textos bíblicos para a sociedade e sua transformação libertadora.

Como fica a dimensão pessoal que vários textos apresentam? Esta, a nosso ver, não pode sofrer discriminação ou violentação, no sentido de ser negada ou minimizada. O que caracteriza o método sociológico é, unicamente, que não se quer estagnar no pessoal, nem reduzir a importância dos fatos unicamente neste nível. Como exemplo citemos Marcos 12,41-44, que trata da oferta

24. A pergunta é pertinente. A interpretação materialista que Fernando Belo deu ao evangelho de Marcos no seu livro “Lectura materialista del evangelio de Marcos” foi - a despeito dos seus inúmeros méritos - duramente criticada por Jacques Ellul exatamente por razões de uso impreciso ou errôneo de terminologia marxista. Confira Jacques Ellul: “Sobre una lectura materialista de los evangelios”. In: *Boletín Teológico*, nº 3-4, novembro de 1978, p.1-22.

da viúva pobre. O enfoque, num primeiro momento, sem dúvida é pessoal. Mas, se atentarmos bem para o texto, veremos que a ação da viúva é comparada com a de “muitos ricos que depositavam grandes quantias” (versículo 41). Isto significa que a ação da viúva é - também - um paradigma social!

Quando há, em pessoas ou grupos, um forte interesse em interpretar textos para a área pessoal, então o método sociológico só poderá ser de proveito secundário. Nestes casos, ciências como a psicologia e a psicanálise são as melhores “assessoras” da interpretação. É que estas conseguem extrair dimensões pessoais do texto que um método sociológico não tem condições, pela simples natureza de seus objetivos diferentes²⁵.

O que não corresponde aos fatos, é a crença de que, dentro de um método sociológico, não haja lugar para o sentimento e a afetividade. O estudo das relações sociais nos textos vai mostrar, ao contrário, que o grau de sentimentos facciosos, beligerantes ou de ódio encontra-se profundamente relacionado com o grau de dominação ou opressão exercido dentro da sociedade. O contrário também é verdade: Manifestações de afeto que Jesus recebe certamente têm relação direta com as práticas sociais de solidariedade e comunhão que o mesmo procurou viver.

4. O método sociológico e outros métodos específicos de interpretação

Há, ao lado do método sociológico, ainda vários outros métodos de leitura bíblica que estão sendo aplicados em maior ou menor escala nos seminários e em grupos de base. Temos, por exemplo, uma leitura e hermenêutica negra, índia, feminista, ecológica e cultural de textos bíblicos, para citar unicamente os cinco exemplos mais marcantes na atualidade.

Nestes casos, o método sociológico poderia integrar aspectos destas leituras. A questão ecológica poderia ser integrada na área do social e político, os interesses da leitura feminista caberiam dentro da análise das relações sociais, a teologia negra poderia ser relacionada com a área da ideologia. Mesmo que um procedimento destes fosse, a princípio, possível, os acentos e interesses dessas várias outras leituras certamente perderiam muito em originalidade e especificidade.

Por isto acreditamos que, na prática, tanto a aplicação do método sociológico bem como das outras formas de leitura bíblica com seus métodos e hermenêuticas específicas, devem coexistir lado a lado. Desta forma sairá ganhando a riqueza da Bíblia e também o aprofundamento das análises específicas. Contudo, a especificidade de cada dessas análises requer, simultaneamente, que consigam ser enquadradas numa análise social mais ampla, sem o que correm o perigo de perder sua eficácia histórica. Este fato já foi amplamente tematizado por João G. Biehl: *“O fato é que existe uma crescente conscientização dentro dos vários enfoques liberacionistas ... acerca do reducionismo oriundo de suas análises sociais ... Em suma, a opressiva realidade machista, racista, capitalista, imperialista norte-americana não consegue ser entendida na sua complexidade a partir de análises enfocando isoladamente as questões de raça, sexo, militarismo,*

25. Textos podem encerrar dimensões pessoais bem mais profundas que à primeira vista conseguimos perceber. É o que nos mostra a aplicação da psicologia e psicanálise na interpretação da Bíblia. Confira a volumosa obra de Eugen Drewermann: *Tiefenpsychologie und Exegese* (=psicologia profunda e exegese), publicada em dois volumes e já reeditada várias vezes (Olten und Freiburg im Breisgau, Walter-Verlag, 1984 e 1985 em 1ª edição) e Hanna Wolff: *Jesus psicoterapeuta*. São Paulo, Paulinas, 1988. Um interessante estudo, que procura definir como se relacionam libertação pessoal e social numa perspectiva de libertação, é apresentado por Lothar C. Hoch: “Psicologia a serviço da libertação. Possibilidades e limites da psicologia na Pastoral de Aconselhamento”. In: *Estudos Teológicos*, v.25, 1985, p.249-269.

*classe/imperialismo. Nem sua transformação é viável somente, por exemplo, a partir da luta de classes. Por outro lado, também é impossível compreender e transformar a realidade específica de cada uma destas opressões sem que seja endereçada a dialética relação existente entre elas". O autor conclui: "De maneira alguma isto implica em que os diferentes enfoques não devam continuar trabalhando por suas causas específicas ... Mas é importante que o façam com base numa análise mais ampla que identifique as conexões existentes entre as diversas estruturas opressoras na sociedade"*²⁶.

5. O método sociológico e a leitura bíblica do povo

O método sociológico poderá ser subsídio para a leitura popular da Bíblia? A resposta a esta pergunta vai depender, em grande parte, do tipo de povo que temos em mente ao falar de uma leitura popular. Se por povo entendemos um grupo de pessoas socialmente conscientizadas ou em processo de conscientização e dentro de processos de transformação social, cremos que o método sociológico poderá ser bom instrumento para a interpretação dos textos²⁷. A grande maioria do "povo", contudo, não se enquadra nesta primeira categoria. Trata-se, então, de pessoas que praticamente se identificam com o que chamamos de "massa", ou seja, um povo não organizado, de pouca instrução e politização. Nestes casos a aplicação do método sociológico não poderá ser o ponto de partida, e sim, a meta de chegada. Com este tipo de "povo" podemos aplicar, quando muito, aspectos isolados do método. O ponto de partida será muito menos um "método", e sim, as intuições e reações emocionais que histórias bíblicas provocam nestas pessoas. A partir daí se construirão pontes para áreas como a da economia ou política, mas tudo isto de forma bastante elementar e progressiva. A Bíblia, dentro deste tipo de exercício de leitura, poderá ser um bom veículo de politização do povo.

Uwe Wegner é teólogo e biblista. Fez doutorado na Universidade de Tübingen, Alemanha. É pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e professor na Escola Superior de Teologia (EST) em São Leopoldo.

Endereço: Caixa Postal 14
93.001-970 São Leopoldo RS

26. João G. Biehl: *De igual para igual*, p.132-133 e 137.

27. É neste sentido que entendemos a aplicação do método junto à classe operária, da qual nos relata Carlos Tosar em seu artigo "A leitura da Bíblia com o povo trabalhador". In: *Estudos Bíblicos*, v.2, 1984, p.71-74.

Mosaicos da Bíblia

01. "Os ninivitas creram em Deus" - Milton Schwantes
02. Vem, Espírito - Fabio Laerth Tonello, Mariano Marchitiello, Milton Schwantes, Nancy Cardoso Pereira, Paulo Roberto Garcia, Roberto Natal Baptista
03. Na voz das mulheres - Jane Falconi F. Vaz, Rosa Marga Rothe, Nancy Cardoso Pereira, Lori Altmann, Rosângela Soares de Oliveira, Tania Mara Vieira Sampaio, Elza Tamez, Genilma Boehler
04. Jonas - Paulo Cesar Botas, Nancy Cardoso Pereira, Roberto Natal Baptista, Dario Geraldo Schaeffer, Sebastião Armando Gameleira Soares, Paulo Roberto Garcia, Rolf Schuenemann, Mariano Marchitiello, Zwinglio Mota Dias
05. "Misericórdia Quero" - Roberto E. Zwetsch
06. Mulheres na prática da justiça e da solidariedade - Ivoni Richter Reimer
07. História de Israel - Milton Schwantes
08. Bíblia e Ecologia - Paulo Roberto Garcia, Ivoni Richter Reimer, Haroldo Reimer, Roberto Natal Baptista, Luis Mosconi, Ivo Storniolo, Fernando Bortolletto Filho
09. Introdução à leitura bíblica - Milton Schwantes, Jane Falconi F. Vaz, Paulo Roberto Garcia, Roberto E. Zwetsch
10. Interpretação bíblica na Igreja Oriental Antiga - Duncan Alexander Reily
11. Esperança na justiça - Haroldo Reimer

Pedidos para:

Cedi - Centro Ecumênico de Documentação e Informação

Setor de Distribuição

Av. Higienópolis, 983 - 01238-001 - São Paulo/SP

Fone: (011) 825 5544 - Fax: (011) 825 7861